Revista, 3
01/12/91

(58)

(5)

NOSSO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

AS RUÍNAS DO CASARÃO DE GUARAPES, EM MACAÍBA

Jeanne Fonseca Leite Nesi

Arquiteta e diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

O topônimo Guarapes designa um rio e uma propriedade rural, no município de Macaíba. Em 1605 foi concedida uma data de terra ao Conselho da Cidade do Rio Grande (Natal), cujo limite ocidental correspondia ao rio Guaramime, já denominado de Guarapes em 1706.

O mapa holandês de Jorge Marcgrave, de 1643, mencionava o rio Iguaraguri, afluente do Nhundiaí (Jundiaí). O significado do termo típico Guarapes, parece corresponder a "em o rio dos Guarás", possivelmente em virtude de ali haver grande quantidade de guarás, uma variedade de garças.

Em princípio de 1847, já se encontrava em Natal o comerciante pernambucano Fabrício Gomes Pedroza, natural de Nazaré. Enviuvando naquele ano, Fabrício contraiu novas núpcias com d. Damiana Maria, que viria a falecer em 3 de julho de 1857, filha do capitão Francisco Pedro Bandeira, proprietário do sítio Coité, que daria origem à atual cidade de Macaíba. Em Coité, Fabrício construiu à margem esquerda do rio Jundiaí uns armazéns de taipa, com a finalidade de recolher o açúcar produzido no seu engenho Jundiaí, como também os produtos que adquiria nos engenhos dos vales do Capió, Potengi e Ceará-Mirim.

Posteriormente Fabrício Pedroza expandiu o seu movimento, ingressando no ramo comercial de molhados e fazendas, dedicando-se também à aquisição de produtos destinados à exportação. À época, Fabrício já residia na incipiente povoação de Coité.

Por Coité transitavam milhares de cargas de algodão, sacos de açúcar, couros, peles, produtos que eram comercializados no estabelecimento de Fabrício, que também monopolizava o sal para o sertão. Por volta de 1861, Fabrício Pedroza já era "o mais rico, o mais poderoso, o mais influente comerciante", no dizer de Câmara Cascudo. Fabrício Pedroza interessou-se pela indústria açucareira do Vale do Ceará-Mirim, onde introduziu modificações no processo de fabricação do açúcar. Também passou a financiar a produção açucareira, o que lhe deu condições de adquirir vantajosamente as safras anuais.

Tendo adquirido o sítio Guarapes, em 1858 Fabrício ali construiu a chamada "Casa do Guarapes", no alto de uma colina, onde passaram a existir os escritórios, os almoxarifados, a capela e a escola. Embaixo da colina, ficava uma fila de armazéns, "que tudo guardavam e vendiam"... De 1869 a 1870, mais de vinte navios aportaram em Guarapes, vindos em viagem direta da Europa, a fim de carregarem as mercadorias exportadas por Fabrício Pedroza. Eram navios que chegavam a ultrapassar 500 toneladas. Segundo Cascudo, "sob o comando de Fabrício Gomes Pedroza, Guarapes era o centro comercial de repercussão, de conhecimento, de fama e poder".

Com o falecimento de Fabrício, ocorrido no Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1872, seu genro Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão continuou, em menor escala, o movimento da "Casa de Guarapes". Sucedeu a Amaro Barreto, na direção do estabelecimento, o segundo Fabrício Gomes Pedroza. Com o falecimento de Juvino César Paes Barreto, o seu filho Abel Juvino Paes Barreto herdou o Guarapes, vendendo-o a Nisário Gurgel. Em 1919, o cel. Felinto Manso adquiriu, em leilão, a propriedade Guarapes, posteriormente vendida ao comerciante português Manuel Duarte Machado.

De todos os imóveis edificados no sítio do Guarapes, existem apenas as ruínas da casa-grande, que ainda denunciam a majestade e a imponência do velho casarão. O prédio foi construído de alvenaria de tijolo, dentro das técnicas e padrões do século passado. O casarão, sem condições de uso, permanece abandonado, tendo-se agravado o seu estado de conservação, pela ação de "exploradores", que durante anos escavaram o terreno da casa, em busca de presumíveis tesouros enterrados, o que provocou o enfraquecimento das desprotegidas paredes.

A casa apresenta partido de planta retangular, desenvolvida em um único pavimento, com cobetura de duas águas, hoje totalmente destruída. A fachada, de composição simétrica, apresenta porta central ladeada por quatro janelas, todas elas com vergas de arcos abatidos e cercaduras de massa.

Requintada cornija arrematava o beiral, valorizando a fachada e conferindo à edificação o esmero do seu acabamento.

As ruínas daquele casarão foram tombadas, a nível estadual, em 22 de dezembro de 1990.

FONTES: Informações prestadas por Olavo de Medeiros Filho; "História da Cidade do Natal", de Luís da Câmara Cascudo. Univ. Federal do R. G. Norte/Civilização Brasileira/INL-MEC, Rio de Janeiro, 1980; "Macaíba, o Município", de Nestor Lima, **in** Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R. G. Norte, vols. XXXV-XXXXVII, 1938-1938; "Guarapes", artigo de Nestor Lima; outras pesquisas procedidas pela autora.